

## ANSIEDADE NAS AVALIAÇÕES: A RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO DO ALUNO

Ornar Barbosa Azevedo<sup>1</sup>

A proposta da presente pesquisa foi investigar a possível relação existente entre duas variáveis: a percepção de avaliação dos alunos e os níveis de ansiedade mensurados. **Estabeleceu-se** que esta percepção é função da influência da família, da escola, do próprio indivíduo e de sua *visão de educação*.

Na literatura sobre a ansiedade, as diferentes correntes da Psicologia propõem diversas explicações sobre as causas e consequências do fenômeno. SPIELBERGER (apud RIBEIRO e RENGEL, 1992) adotou uma conceituação que une **fatores** internos e externos propondo duas dimensões de ansiedade: 1) o traço ansiógeno refere-se às diferenças individuais na pré-disposição para reagir às situações de tensão e 2) o estado de ansiedade, por sua vez, é passageiro e varia de intensidade com o tempo e de acordo com os estímulos recebidos na situação atual. Decorre daí a criação de um instrumento **de mensuração da ansiedade, o INVENTÁRIO DE ANSIEDADE TRAÇO-ESTADO (IDATE)**, que propôs as abreviaturas a-E, para a ansiedade-estado e a-T, para a **ansiedade-traço**.

BIAGGIO (1984) adaptou e validou o IDATE para a cultura brasileira. Nesse processo, a autora estudou as relações entre ansiedade e avaliação usando o IDATE-C em alunos da 6ª série de escolas privadas e públicas do Rio de Janeiro. Ela não encontrou diferenças significativas entre as medidas antes da prova e na situação neutra, ou encontrou apenas diferenças na *ansiedade traço* (a-T). Foram resultados "inesperados", pois para a autora seria lógico esperar uma variação da *ansiedade-estado* (a-E) na situação de avaliação. Ela especulou que a pouca ênfase no *terror da prova* reduziu o índice da a-E.

---

<sup>1</sup>\* Professor de Psicologia da Educação na UNHB e Mestrando em Educação, na Faculdade de Educação da UFBA.

BIAGGIO (apud SILVA. 1994) justificou os resultados da seguinte maneira: "é possível que novos métodos de ensino, que enfatizam pouco o terror de provas, bem como **fatores** da cultura brasileira, façam com que nossas crianças não sejam sujeitas a medo de provas escolares tanto quanto as das amostras norte-americanas". Para SILVA, esta justificativa não explica **completam ente** a redução da a-E, mas ele não toma esta justificativa como um problema de investigação científica. A posição de SILVA parte do pressuposto de que toda educação brasileira é baseada no que se convencionou chamar de *paradigma da dificuldade*, desconsiderando a possibilidade de ocorrer modelos alternativos menos favorecedores da ansiedade. Investigando a relação entre 'ansiedade' e a "história de desempenho em matemática", SILVA(1994) concluiu que os coeficientes correlacionais *não* permitem afirmar a existência de uma correlação linear inequívoca entre estas variáveis, propondo como diretriz de pesquisa "... um estudo com um delineamento mais qualitativo afim de esclarecer questões a respeito do significado da ansiedade para os alunos e como eles interpretam esta ansiedade".

A partir de uma leitura crítica da literatura pedagógica, é possível identificar dois grandes blocos de pensamento em educação, que convencionamos chamar de *paradigmas educacionais*. Eles não são explicitamente divergentes, mas evidenciam posições distintas que se contrapõem. Na primeira corrente, o ato de ensinar implica respeito á individualidade do educando para garantir sua liberdade de expressão. O **objetivo** é valorizar a criatividade individual. Colocar esta potência em ato é a finalidade da educação. Denominamos tal corrente de *paradigma da liberdade expressiva*. Para o outro bloco de pensamento pedagógico, a educação deve **pautar-se** na sistematização da dificuldade como estratégia que visa garantir o envolvimento da subjetividade discente com as propostas embutidas nos conteúdos. O objetivo educacional é fazer com que o sujeito aprenda a resolver problemas com autonomia critica num nível de reflexão sobre o real que deve ser atingido graças ao esforço de investimento da subjetividade. Denominou-se este bloco de pensamento de

*paradigma da dificuldade.*

Nesta investigação, **considerou-se** esses *paradigmas educacionais* como *qualidades da percepção do aluno*, ou seja: a visão de educação que o próprio aluno possui. Ainda que uma dada escola atue dentro de uma filosofia geral, identificada com um dos paradigmas acima, cada aluno recebe de modo particular o impacto da educação ministrada. A *visão de educação do aluno* é possivelmente outro fator relevante na gênese de ansiedade nas avaliações.

## **MATERIAL E MÉTODO**

### **POPULAÇÃO ALVO**

Foram sujeitos *válidos* 65 alunos de ambos os sexos, cursando a 6<sup>a</sup> série do primeiro grau, na faixa etária de 11 a 13 anos. LOCAL . A coleta de dados foi realizada num colégio particular, na cidade de Salvador-BA-Br.

### **INSTRUMENTOS**

- **INVENTÁRIO DE ANSIEDADE TRAÇO-ESTADO** em sua versão infantil, contendo quarenta (40) perguntas divididas em duas partes. Primeira seção: mede a a-E e a segunda a a-T. A escala do nível de ansiedade varia de 0 a 40, da menos para a mais intensa. O inventário requisitava em média 20 minutos para ser respondido.

" Um *questionário qualitativo*, elaborado pela equipe de pesquisa, contendo perguntas diretas e indiretas a respeito das pressões que interferem na situação de avaliação (família, escola e indivíduo) e mais uma pergunta discursiva acerca da *visão de educação*. O questionário requisitava em média 25 minutos para ser respondido.

### **PROCEDIMENTOS**

Após o **contato** com a Direção e o Serviço de Orientação Escolar, tomou-se um grupo de quatro alunos e formou-se um grupo de discussões com o objetivo de captar as impressões sobre o tema, identificar as disciplinas mais **ansiógenas** (Português, Matemática e História) e, com base nestas informações, construir o questionário qualitativo. Este e o IDATE foram testados em duas outras ocasiões no mesmo grupo para levantamentos gerais e do tempo médio de resposta. Devido ao efeito da aprendizagem no

**preconhecimento** de testes, conhecido por *releste*, evitaram-se os instrumentos respondidos pelos alunos deste grupo na fase de tabulação dos dados.

No total, três turmas responderam ao IDATE e ao questionário qualitativo em três diferentes datas. A medida de ansiedade foi tomada numa situação definida como 'neutra', depois aplicou-se o instrumento qualitativo e, por fim, mediou-se novamente a ansiedade numa situação definida como '**prova**'. A comparação entre as medidas 'neutra' e 'prova' indicou se a ocorrência de alto índice de ansiedade deveu-se ou não à situação de prova. Procurou-se agendar essas coletas de dados em datas e horários que não interferissem significativamente na rotina dos professores. Atendendo a um pedido do Serviço de Orientação Educacional, a coleta na situação 'prova'<sup>1</sup> não foi realizada momentos antes da avaliação de uma das três disciplinas-queixa, e sim momentos antes da avaliação das disciplinas Ciências e Desenho.

Em linhas gerais, os dados do questionário foram analisados da seguinte maneira: caso o aluno estivesse sob pressão de **nenhum**, um, dois ou três dos seguintes fatores (escola, família ou ele mesmo), atribuíam-se graus *ausente, moderada, forte e fortíssima* ao total da pressão exercida sob o aluno. A *visão de educação* do aluno foi avaliada a partir de uma questão discursiva: indicações de nervosismo, ansiedade, medo, obrigação, pressão, rejeição ao processo de avaliação e supervalorização da nota foram enquadradas na *visão paradigma da dificuldade*. Respostas com indicações de naturalidade, calma, aceitação do processo de avaliação como parte de um processo de crescimento e não supervalorização da nota foram consideradas como sinal de uma percepção estruturada pelo *paradigma da liberdade expressiva*.

Após o cômputo dos escores da mensuração de ansiedade e os enquadramentos do questionário qualitativo, cruzaram-se os dados a fim de encontrar as correlações mais evidentes. A pesquisa foi feita numa população de alunos da 6<sup>a</sup> série, procurando dar sequência aos estudos já realizados, em especial aos de Ana Maria Biaggio e de Jader Silva — o que evidentemente possibilitou a comparação dos resultados.

## RESULTADOS DISCUTIDOS

A média da a-E encontrada na população foi de 3 1.05. com desvio-padrão (d-p.) de 5.80 na situação *neutra*, e 31.94 (d-p = 6.52) na situação *prova*. Na média global, a população ficou mais ansiosa por ocasião da avaliação. Analisaram-se também os percentuais absolutos de variação da ansiedade da situação neutra para a situação prova. A a-E variou para mais em 49.23% da população, variou para menos em 43,08% e ficou estável em 7.69%. O percentual de 49,23% de variação positiva indica um certo comprometimento do estudo, uma vez que pouco menos da metade da população teria ficado *m.ais* ansiosa por ocasião da prova. Mas como esta medida não foi tomada por ocasião da avaliação de uma das disciplinas-queixa - o que também comprometeu a visibilidade do fenômeno -, decidiu-se levar a investigação ao término.

A análise dos questionários qualitativos mostrou os seguintes percentuais quanto á pressão sofrida pelo aluno: 1) *ausente*: 16.92%; *moderada*: 35.29%; *forte*: 36.92% e *fortíssima*: 12.31%. Um total de 83,08% dos alunos estava sob algum tipo de pressão. Quanto à *visão de educação do aluno*, encontrou-se que 70.76% percebem o processo pedagógico como algo da ordem do *paradigma da dificuldade*, enquanto 29.23% o percebiam no *paradigma da liberdade expressiva*. Apenas 25 alunos (38.46% do **total**) compuseram a faixa de sujeitos com ansiedade acima da média. Face aos percentuais de pressão e visão de educação, **esperava-se** um percentual ainda mais expressivo de pessoas muito ansiosas por ocasião de uma avaliação. Este dado evidenciou o quanto a **mensu-ração** da ansiedade fora da avaliação de disciplinas consideradas difíceis pelos alunos prejudicou a captação de dados.

Um **total de dezenove** alunos estava abaixo da média da ansiedade, cinco deles sob *ausência de pressão* e quatorze sob algum tipo de pressão (*moderada, forte ou fortíssima*). Este último **foi** um dado incompatível com a condição de baixa ansiedade. Pode-se especular que estes eram alunos com maior grau de auto-controle ou que os instrumentos de medida não foram eficazes. Dos dezenove, quatorze alunos viam a educação como algo da ordem do *paradigma da dificuldade*, outra contradição por se tratar dos alunos menos

ansiosos. Apenas cinco alunos deste grupo percebiam a educação como algo relativo ao *paradigma da liberdade expressiva*, não sendo necessariamente eles que estavam sob ausência de pressão. Os dados desta faixa não evidenciam as correlações esperadas.

Na média da ansiedade, encontraram-se vinte e um alunos, três deles sob *ausência de pressão* e dezoito sob alguma forma de pressão. Neste grupo, nove alunos percebiam a educação em termos do *paradigma da liberdade expressiva* e doze como *paradigma da dificuldade*. Nesta faixa, encontrou-se um certo equilíbrio quanto à visão de educação do aluno, mas, novamente, aconteceu de alunos sob pressão não se mostrarem necessariamente ansiosos.

Na faixa que se situou acima da média, estavam vinte e cinco alunos. Deles, três sob ausência de pressão e vinte e dois sob pressão. Vinte e um alunos tinham uma percepção da educação recebida identificada com o *paradigma da dificuldade* e quatro viram, em seu processo, uma identidade com o *paradigma da liberdade*. Nessa faixa, as correlações foram mais evidentes, tanto nos números relativos à interferência da pressão como naqueles relativos à visão de educação dos alunos.

Levando-se em consideração que nem sempre a ansiedade aumentou da situação "neutra" para a situação de "prova", deve-se destacar que, nessa última faixa, quatorze pessoas tinham medidas menores na medida de data "neutra". Ou seja, para estes, a medida da ansiedade antes da prova de ciências e desenho pode ser considerada como fidedigna. Estes mesmos quatorze alunos também enquadram-se entre aqueles que estavam sob pressão e viam a educação como algo da ordem do *paradigma da dificuldade*. Este grupo de quatorze sujeitos constitui a evidência mais clara da relação entre a ansiedade nas avaliações, as pressões sofridas pelo aluno e seu modo de perceber como a educação o atinge.

Assim como o estudo realizado por SILVA, não se encontrou uma correlação linear entre ansiedade, visão de educação singular e pressões sofridas. Mas, por outro lado, a inclusão dessas últimas variáveis mais qualitativas permitiu encontrar a evidência de que há uma certa relação entre elas, confirmando as indicações feitas para que estudos mais

qualitativos se realizassem. Os dados contraditórios encontrados nas faixas de medida da ansiedade abaixo e acima da média também poderiam ser explicados pelo argumento de BIAGGIO: talvez naquelas disciplinas houvesse pouco *terror de prova e*, muito provavelmente, a ansiedade seria maior fosse a avaliação de uma matéria considerada difícil.

## CONCLUSÃO

Não se encontrou uma relação entre a percepção de avaliação e a ansiedade sentida por ocasião de uma avaliação nos casos que se situam abaixo o na média. Por outro lado, nos casos de ansiedade acima da média, os números indicam com maior clareza que existe relação entre o nível de ansiedade alta, as pressões sofridas pelo aluno e sua visão de processo educacional. A maioria destes casos mostrou indivíduos *sob algum grau de pressão*, com uma visão de educação identificada com o *paradigma da dificuldade* e cuja variação da ansiedade cresceu da situação neutra para a situação prova - o que aumentou a confiança na medida da ansiedade.

A investigação realizada abriu novamente a perspectiva e a necessidade de estudos qualitativos mais detalhados com o propósito de esclarecer certas perguntas, partindo da voz dos próprios alunos. Eles poderiam dizer melhor como e porque superam certas situações ansiogênicas. Ou seja, interpretações deles poderiam explicar de modo mais claro as contradições encontradas, bem como oferecer uma *descrição mais viva* do ciclo pressões/visão-de-educação/ansiedade nas avaliações.

Partindo dos fatos constatados entre aqueles alunos que mais sofrem de ansiedade, acredita-se que para o empreendimento de uma tentativa de diminuir a ansiedade nas avaliações, faz-se necessário uma avaliação dos paradigmas norteadores do processo educacional, no intento de tornar o dia-a-dia na escola tão importante quanto o resultado final do processo (SOUZA,1993), provocando também uma mudança da concepção de educação escolar na família e, conseqüentemente, no indivíduo, reduzindo as pressões às quais o aluno está submetido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIAGGIO, A. M. *Pesquisas em psicologia do desenvolvimento e da personalidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1984.
- RIBEIRO, A. S., RANGEL, D.H.P. *Estudo comparativo sobre a ansiedade frente a cirurgia cardíaca entre pacientes coronarianos e valvopatas*. São Paulo, *RSCESP*, v.2, n.1, p.9, jan/fev, 1992.
- SILVA, J. R. *História de desempenho e ansiedade em avaliação em alunos do 1º grau* (Projeto de Pesquisa). Salvador, 1994. Mimeog.
- SILVA, LR. *História de desempenho x ansiedade (em situação de avaliação escolar de matemática) (Relatório de Pesquisa)*. Salvador, 1994.
- SOUZA, C. *Avaliação do rendimento escolar*. 2ª Ed. Campinas: Papyrus. 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- SPIELBERGER, C. D. *Manual de psicologia aplicada. Inventário de ansiedade traço-estado (IDATE-C)*. Tradução e adaptação Ângela M. Biaggio. Rio de Janeiro: CEPA. 1983.

**OBS.:** o presente artigo é uma adaptação do relatório da pesquisa: "A RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO E ANSIEDADE EM ALUNOS DE SEXTA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU". A íntegra da investigação possui análises por gênero masculino e feminino. bem como nos sub-itens *ausente, moderada, forte e fortíssima* da categoria 'pressão'.